

PATRIMÔNIO E LEITURA 3

CATÁLOGO COMENTADO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL



PATRIMÔNIO E LEITURA 3

CATÁLOGO COMENTADO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Dilma Rousseff

MINISTRO DA CULTURA

Marta Suplicy

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

PRESIDENTE

Jurema de Sousa Machado

DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO

Estevan Pardi Corrêa

COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA

Lia Motta

PARCERIA - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

COORDENADORA DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Cecília Maria Aldigueri Goulart

COORDENADORA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA INFANTOJUVENIL DO INSTITUTO DE LETRAS

Sonia Monnerat Barbosa

P314

Patrimônio e leitura : catálogo comentado de literatura infantojuvenil/ coord. Maria Beatriz Rezende. _ Rio de Janeiro; Iphan/Copedoc, 2012. p. : il. (algumas color); 22cm. v.3

ISBN 978-85-7334-229-1

Índice de autores e ilustradores

1. Patrimônio cultural. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Livros e leitura. I. Rezende, Maria Beatriz. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência.

IPHAN/RJ

CDD – 363.69018

PATRIMÔNIO E LEITURA 3

CATÁLOGO COMENTADO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

COORDENAÇÃO GERAL

Maria Beatriz Rezende

COPEDOC - IPHAN

2012

PATRIMÔNIO E LEITURA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

COORDENAÇÃO-GERAL DE PESQUISA DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA - COPEDOC

COORDENAÇÃO DO PROJETO PATRIMÔNIO E LEITURA

Maria Beatriz Rezende

SELEÇÃO DE OBRAS SUGERIDAS PELO PROALE/UFF

Ana Renata Tartaglia (arquivista)
Bettina Zellner Grieco (arquiteta)
Cynthia Ferreira Lopes (arquivista)
Hilário Pereira Filho (historiador)
Luciane Ceretta (arquivista)
Luciano dos Santos Teixeira (historiador)
Maria Beatriz Rezende (arquiteta)
Wellen de Souza Dias (arquivista)

RESENHAS

Maria Beatriz Rezende

TEXTOS INFORMATIVOS

Luciano dos Santos Teixeira

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Bettina Zellner Grieco

PROJETO GRÁFICO

Bettina Zellner Grieco e Willians Fausto Silva (Copedoc/IPHAN)

DIAGRAMAÇÃO

Bettina Zellner Grieco

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

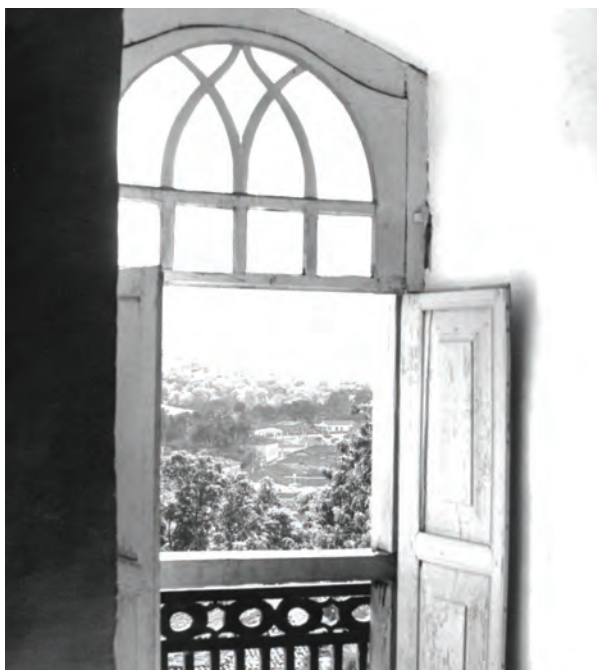
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA INFANTOJUVENIL - INSTITUTO DE LETRAS

PRÉ-SELEÇÃO E EMPRÉSTIMO AO IPHAN DE OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Margareth Mattos (Proale/Feuff)

ORIENTAÇÃO TÉCNICA, AVALIAÇÃO E REVISÃO DAS RESENHAS

Cecilia Maria Aldigueri Goulart (Proale/Feuff)
Margareth Mattos (Proale/Feuff)



SUMÁRIO

Apresentação	7
Noel Rosa; Pixinguinha	9
José Moçambique e a capoeira	12
O cachorro que jogava na ponta esquerda	15
Menino parafuso	18
Cavalcadas de Pirenópolis	21
Maria Peçonha	24
Marcelo, marmelo, martelo	27
Contas de dividir e trinta e seis bolos	29
Mestre Lisboa, o Alejadinho	32
História de Biruta	36
Um quilombo no Leblon	39
Ponte ponteio.....	41
Índice de autores e ilustradores	44
Índice de ilustrações	49
Fontes e referências bibliográficas	51

Tambor de crioula. São Luis/MA. IPHAN.



Com os primeiros três números do Catálogo Patrimônio e Leitura imaginamos ter oferecido uma alternativa para a introdução, na Educação Básica, dos temas referentes ao patrimônio cultural por meio da leitura da literatura. Esperamos ter consolidado o formato como um instrumento de apoio a professores que associa a ideia de letramento e formação de leitores com a apresentação dos mais diversos conteúdos sobre os bens culturais e sua apropriação pela sociedade.

Como os dois primeiros, este terceiro catálogo foi produzido pela Coordenação Geral de Pesquisa e Documentação (Copedoc), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), através do Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE) da Faculdade de Educação e do Curso de Especialização em Literatura Infantojuvenil do Instituto de Letras. Seguimos com o mesmo objetivo de ampliar a interlocução entre o IPHAN e as instituições de ensino para que seja possível criar mais um caminho de produção da memória.

A leitura é um dos temas mais polarizadores da educação, sendo a produção de livros para o público infantil e jovem objeto de muitos estudos e propostas de ensino, além de estar presente no currículo da Educação Básica, do 1º ano do Ensino Fundamental até o vestibular. É condição para a formação que qualifica os alunos como cidadãos capazes de fazer suas próprias leituras de mundo.

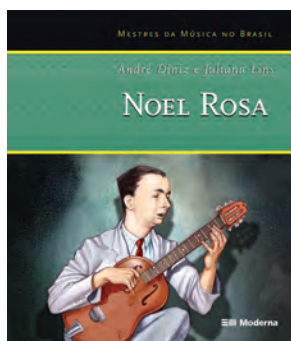


Nesse sentido, os Catálogos Comentados de Literatura Infantojuvenil – Patrimônio e Leitura visam a instigar o interesse dos alunos pelos temas do patrimônio cultural no seu processo normal de aprendizado. Com suas resenhas e textos informativos propõem encontrar ou pôr à mostra temas como memória, identidade, história, modos de fazer e criar, saberes tradicionais etc., nas obras de literatura que já circulam nos espaços educacionais formadores de leitores.

As obras selecionadas são, em sua maioria, clássicos da Literatura Infantil e Juvenil ou textos de qualidade indicados pelo PROALE, que integra o júri da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ e que tem como objetivo principal desenvolver ações voltadas para a formação continuada de professores, especialmente nas áreas de leitura, escrita e literatura. Desse modo, os Catálogos não pretendem ser um programa de leitura em si, mas uma porta de entrada para que seus leitores – professores e alunos – se apropriem dos temas do patrimônio cultural.

Longe de reduzir os sentidos que cada obra encerra, uma vez que a literatura não permite uma, mas múltiplas leituras, este terceiro número apresenta narrativas que possibilitam o contato com manifestações culturais como o samba, a capoeira, o futebol, os folguedos; os brincantes; a criação de lendas; nossa língua e suas variedades; nossos artistas. As resenhas apontam a presença desses temas que permeiam as histórias, tendo por objetivo legitimar outras formas de ver o patrimônio, elaboradas fora da esfera técnica institucional. Os breves textos informativos procuram oferecer alguns dados sobre o universo dos trabalhos de preservação relativos aos temas abordados pelas obras literárias e as ilustrações resultam da pesquisa iconográfica feita nos arquivos institucionais, cujos acervos reúnem, há mais de 70 anos, as imagens do patrimônio cultural brasileiro.

Também com este número encerramos a homenagem ao fotógrafo Erich Hess, contratado pelo IPHAN de 1937 a 1945, para realizar o inventário fotográfico dos prédios, monumentos e cidades selecionados como patrimônio cultural, tendo sido um dos maiores colaboradores (fotografou o patrimônio até a década de 1980) do acervo fotográfico que hoje a instituição reúne e considera como um bem cultural da maior relevância. Para ilustrar nossas capas escolhemos três imagens, por coincidência de Minas Gerais, em que o fotógrafo registra o cotidiano das ruas com situações de vida em que os protagonistas – da brincadeira, da conversa à beira rio e da saída da escola, são (assim como o nosso público) jovens e crianças.



NOEL ROSA

Autores: André Diniz e Juliana Lins

Editora: Moderna

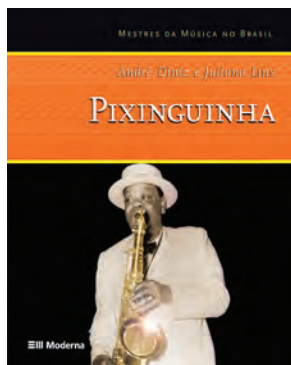
Ano: 2008

PIXINGUINHA

Autores: André Diniz e Juliana Lins

Editora: Moderna

Ano: 2003



As duas obras de Alexandre Diniz e Juliana Lins fazem parte da coleção “Mestres da Música no Brasil”, com enfoque na biografia de compositores considerados inovadores e criadores da “identidade artística nacional”. Para isso a coleção busca conectar a vida desses artistas com o contexto histórico que permitiu a criação e evolução dos gêneros musicais brasileiros. A nossa música, com toda a sua diversidade, constituiu ao longo do tempo um dos traços identitários mais fortes da nossa cultura.

As duas narrativas escolhidas apresentam a afirmação do choro e do samba como criações musicais genuinamente brasileiras por meio da biografia de dois dos



Desfile do GRESSEP Mangueira, Rio de Janeiro.

SAMBA

O samba é, hoje, reconhecidamente uma das expressões de maior carga simbólica para a identidade nacional brasileira. No entanto, pode-se perguntar: o que é realmente o samba? Mais do que um simples gênero musical, a palavra samba abrange um amplo leque de “expressões musicais, coreográficas e poéticas”. A experiência do samba se assenta em elementos simples e fundamentais: a oralidade, a participação coletiva e a convivência. Adquiriu sua forma característica na primeira metade do século XX, sofrendo, entretanto, contínuas transformações de lá para cá. Surge na cidade, mas incorpora elementos rurais; é expressão da identidade afrodescendente, mas perpassa todo o tecido social e apresenta variações e modalidades em todo o território nacional. Criado pela expressão de segmentos sociais marginalizados, juntamente com o choro,

seus grandes compositores: *Pixinguinha* (1897-1973) e *Noel Rosa* (1910-1937). As obras ampliam o sentido do relato biográfico ao criar nexos entre a vida dos músicos e a história da música brasileira. Contextualizam os modos de morar e de viver, fazendo-nos conhecer, especialmente, a história da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX e suas transformações, tanto físicas quanto com relação aos costumes e à tradição, frente às expectativas e aos desejos de uma nação ansiosa por construir sua própria identidade.

Podemos não apenas aprender, mas sentir como se vivia na época do jovem Pixinguinha. Como a cidade era afetada pelos males da insalubridade, mas como era também divertida, em total efervescência com as grandes novidades: o cinema, o telefone, o rádio! Como tudo era difícil para os negros (o que nos leva a considerar que ainda é), mas também como foram reconhecidos e amados ainda em seu tempo pelo poder da arte. Como a vida pode ser corajosa e como a arte é contundente, crítica, fundamental para uma cultura que se quer livre.

A obra sobre Pixinguinha, além de estabelecer essas conexões, transmite, com naturalidade, o surgimento de um gênio, aproximando-o da perspectiva de qualquer criança. Mostra que a inclinação para a arte acontece por um desejo pessoal, por uma vontade irresistível de se expressar dessa ou daquela forma – nesse caso,



inaugurou a história da música genuinamente brasileira, e foi alcançando os mais variados segmentos sociais e regiões do país, tornando-se um “sino da identidade brasileira para todo o mundo”. Nesse processo, em que alcançou o reconhecimento nacional e internacional, sofreu o impacto da indústria cultural e da ação do Estado brasileiro, mudando seus processos criativos, cada vez mais individuais e menos coletivos, e operando seleções que muitas vezes domesticaram seu conteúdo político-social. Ainda assim, permaneceu como força cultural viva, cultivado pelas comunidades que o mantêm e o recriam todo o tempo. Reconhecer o samba como patrimônio cultural brasileiro significa valorizar a riqueza e diversidade de expressões, em todas as suas variações regionais. O IPHAN registrou como patrimônio imaterial as Matrizes do Samba no Rio de Janeiro (2007) – o partido alto, o samba de terreiro e o samba-enredo –; o Samba de Roda do Recôncavo Baiano (2004) – a primeira expressão cultural ligada a esse universo a receber o título de patrimônio imaterial; o Jongo no Sudeste (2005); e o Tambor de Crioula do Maranhão (2007).

mediante um contato inicial propiciado pelo ambiente familiar de Pixinguinha. Aproxima o leitor da possibilidade artística, quando assume o princípio de que, muito mais do que a certeza de “se saber” talentoso, a vontade de seguir trabalhando e se aperfeiçoando é o que faz o artista. Diz o narrador: “Bem, como você sabe, um músico – mesmo um grande músico – nasce como qualquer outra criança, pois ninguém tem bola de cristal para adivinhar o seu futuro.”

No caso de *Noel Rosa*, considerada a brevidade da sua vida (26 anos), apresenta-se o período dos anos 30, caracterizado por grandes turbulências econômicas, sociais e políticas, mas também marcado pela popularização do rádio, pela paixão crescente pelo cinema, pelo desenvolvimento dos transportes, e pela “militância” dos artistas, comprometidos que estavam com a ideia de um Brasil moderno e autêntico, contra os “estrangeirismos” no modo de falar, nas letras e melodias das músicas.

Nesse livro, o narrador é um motorista de táxi que convida o leitor como o próximo passageiro de um passeio pela memória da cidade. Essa estratégia é muito bem sucedida no sentido de demonstrar que o artista e sua obra traduzem o seu tempo e lugar e, ao que parece, quanto mais fiel e essencial é essa tradução, maior é a capacidade de a obra permanecer produzindo sentidos (e encantos!) por gerações e gerações.

Os dois textos dialogam com letras de música, narrando as motivações e o jeito de viver cotidiano dos artistas. Cotidiano repleto de paixão, dificuldades físicas e financeiras, diversão, afeto, boêmia. A seleção de imagens revela uma rica pesquisa iconográfica que acrescenta informações preciosas à compreensão do texto verbal por meio de fotos, charges, folhetos de shows, partituras, pinturas e desenhos de época.

As duas obras fazem com que aqueles tempos de fundação do que costumamos chamar de identidade brasileira não nos pareçam antigos, mas modernos, como de fato o foram!

Outros títulos da coleção:

Adoniran Barbosa – André Diniz e Juliana Lins; *Ary Barroso* – Luís Pimentel; *Braguinha* – André Diniz e Juliana Lins; *Caetano Veloso* – Mabel Velloso; *Cartola* – Monica Ramalho; *Chico Buarque* – Ângela Braga; *Chiquinha Gonzaga* – Edinha Diniz; *Gilberto Gil* – Mabel Velloso; *Heitor Villa-Lobos* – Loly Amaro de Souza; *Luiz Gonzaga* – Luís Pimentel.



JOSÉ MOÇAMBIQUE E A CAPOEIRA

Autor: Joaquim de Almeida

Ilustrações: Laurabeatriz

Projeto gráfico: Thereza de Almeida

Editora: Companhia das Letrinhas

Ano: 2007

José Moçambique e a capoeira trata de uma manifestação cultural genuinamente brasileira ministrada por poucos, praticada por muitos e conhecida cada vez mais pelo mundo afora. A capoeira é definida como jogo, esporte, brincadeira, dança, luta. Mas, de todos esses significados, o que talvez represente a grandeza de conteúdos que essa atividade encerra seja o sentido da luta – tendo a resistência aliada ao aperfeiçoamento como estratégia e, como objetivo, a libertação. As dimensões física e espiritual da capoeira aplicam-se a todas as situações de luta por uma vida digna e plena. Historicamente essa luta referiu-se à condição dos negros escravos, que por meio da capoeira encontraram modos de resistir, de se unir, de cultuar seus ancestrais, de se divertir, de fazer arte. O conjunto de valores de que trata a capoeira parece se referir especialmente àquele capaz de lutar, àquele que, se cai, sabe levantar.

A história singela de José Moçambique, pequeno capoeira que recebe a missão de salvar seu mestre, mes-



Roda de capoeira. Salvador/BA.

CAPOEIRA

A capoeira é uma prática cultural surgida no Brasil durante o século XVIII e associada à vida urbana. Ao mesmo tempo dança, luta, jogo e música, alcançou projeção nacional e, mais recentemente, internacional. Suas práticas e rituais são transmitidos de mestre para aluno, de geração em geração, sofrendo contínuas transformações ao longo do tempo.

Assim como outras manifestações de origem africana, tal como o samba, a capoeira teve sua prática criminalizada, prática essa que surgiu associada a movimentos de resistência e de autoafirmação dos escravos e seus descendentes, até finalmente adquirir o status de emblema da nacionalidade brasileira. Perseguida entre o final do século XIX e todo o período da República Velha (1889-1930), passou por um processo de folclorização e esportização entre as décadas de 1950 e 1970. Atingiu o reconhe-

mo que para isso ponha sua vida em risco, constitui a narrativa ficcional que é utilizada como estratégia de um livro de proposta predominantemente informativa, cujo principal propósito é apresentar para o leitor a manifestação cultural da capoeira. Na obra essa manifestação está intimamente conectada com a vida e expressa o amadurecimento do menino protagonista, evidenciando suas relações com o mundo e com os adultos. Incumbido de trazer uma nova cabaça para o berimbau, que já não soa mais como antes, causando toda a fraqueza e perda de energia do seu mestre, Moçambique parte em sua aventura e para ser bem sucedido lança mão dos seus conhecimentos de pequeno capoeira. Conserva sua coragem ao entoar as cantigas aprendidas, movimenta-se com destreza ao empregar sua agilidade proveniente dos golpes que já domina, mostra-se paciente e perspicaz para atacar e recuar diante do seu oponente, como ensina o movimento da “ginga”. Desse modo, a narrativa transmite de forma simples a complexa rede de sentidos e recursos que a prática da capoeira representa e oferece.

As ilustrações, em conjunto com o projeto gráfico, divertem colorindo as páginas em que se insere o texto verbal escrito ora em cor preta, ora em cor branca, reforçando a simplicidade da vida que nos é apresentada, com o despojamento e clareza dos traços e das personagens retratadas. Esses aspectos gráfico-editoriais



Roda de capoeira. - Salvador/BA.

cimento oficial pelo Estado brasileiro como patrimônio imaterial em 2008, com os registros não só da Roda de Capoeira como manifestação coletiva, mas do Ofício dos Mestres de Capoeira, que são os responsáveis pela transmissão e manutenção dessa tradição brasileira.

A partir do registro, foram criadas ações, reunidas no Plano Nacional da Capoeira, destinadas a promover essa prática, em particular proteger o ofício dos mestres capoeiristas. Entre outras ações, o plano prevê o estabelecimento de um programa de incentivo dessa manifestação no mundo; a criação de um Centro Nacional de Referência da Capoeira; e o plano de manejo da biriba - madeira utilizada na fabricação do berimbau - e de outros recursos naturais.

contribuem para a transparência da narrativa e, talvez, para a ideia de que o que conta são os fundamentos, a essência do gesto humano. Os trechos de cantigas, próprias dessa manifestação, vez ou outra nos fazem “ouvir” o berimbau, que, como a história revela, é a alma da capoeira, é a conexão com quem veio antes de nós, com o ritmo e o fluxo da vida.

Ao final, a obra traz uma série de textos informativos, com uma linguagem agradável e de fácil compreensão, não deixando de evidenciar o criterioso trabalho de pesquisa de que se valeram os autores sobre diversos aspectos e elementos da capoeira. A constituição da obra dá autonomia ao leitor, que pode escolher se a lerá em sua integridade, ou se passeará pelas diferentes propostas – ficcional, informativa – que lhe são oferecidas a fim de fixar-se naquilo que mais lhe interessa.

O cachorro que jogava na ponta esquerda



O CACHORRO QUE JOGAVA NA PONTA ESQUERDA

Autor: Luis Fernando Verissimo

Ilustrações: Aroeira

Editora: Rocco Jovens Leitores

Ano: 2010

A narrativa em primeira pessoa apresenta, de forma afetiva, as memórias de um adulto sobre seus tempos de “criança que jogava bola”. Esse recurso permite que o ponto de vista sobre os acontecimentos permaneça com a perspectiva da infância, mas expressa por uma linguagem sofisticada, que, com leveza e muito humor, descreve personagens e narra conflitos. O texto cativa instantaneamente leitores adultos, jovens e crianças, ao permitir que todos nele se reconheçam – tanto os que estão vivendo quanto os que já viveram experiências parecidas. Dessa forma, o livro apresenta o futebol como algo que envolve situações e sentimentos comuns ao cotidiano infantil e à vida adulta, ou seja, como um significativo espaço de convívio entre esses dois mundos.

A prática generalizada do futebol no Brasil, desde a infância, acessível a todos, permite não só o surgimento das inúmeras habilidades individuais no país, como de

FUTEBOL E PATRIMÔNIO

O “tradicional esporte bretão”, o futebol, chegou ao Brasil ainda no século XIX e, de lá pra cá, tornou-se uma verdadeira paixão nacional. Por seu alto grau de envolvimento emocional, atingindo mesmo os que não lhe reconhecem a importância, enraizou-se em nosso cotidiano, ao ponto de termos incorporado, nas mais variadas situações de uso da língua, termos e expressões que são próprias do jogo: “pisar na bola” (quando alguém faz algo errado, condenável), “entrar de sola” (ir direto ao assunto, sem fazer cerimônia), “bater na trave” (quase acontecer ou conseguir algo), “tirar o time de campo” (desistir de algo). Esses são bons exemplos, entre tantos outros, de expressões incorporadas ao nosso falar.

Durante muito tempo tema marginal nos estudos acadêmicos brasileiros, o futebol foi muitas vezes utilizado apenas para fins demagógi-

verdadeiras legiões de torcedores. Não podemos nos esquecer de que o “campinho” está presente em quase a totalidade dos municípios brasileiros, e mesmo que sejam precárias as condições, como a falta de uma bola oficial ou de balizas, dá-se um jeito de jogar.

Há muito o que falar sobre o que representa o futebol no Brasil, sua relação com o exercício da cidadania e com a ideia de pertencimento à nação, pelo seu caráter agregador e por certas características que se associam a outras práticas e saberes tradicionais, como, por exemplo, a ginga que caracteriza o “drible brasileiro”, também presente na prática da capoeira. Não importa o segmento social (embora as mulheres, ainda hoje pertençam mais significativamente ao “time” dos torcedores), todos podem jogar ou ser profundos “entendedores” do esporte. Nesse sentido, a história de Luis Fernando Veríssimo apresenta o futebol não apenas como um pano de fundo, mas, muito pelo contrário, como um espaço em que se afirmam as individualidades, em que se estabelecem as relações entre as crianças e seus pares adultos e onde uma manifestação cultural revela-se capaz de agregar pessoas de origem diversa segundo outra ordem de coisas.

A descrição individual dos personagens (e coletiva do time), realizada por meio da movimentação e do comportamento em campo de cada jogador, (quem ataca, quem defende, quem improvisa, quem cria) nos permite sentir o quanto o jogo de futebol está presente em nosso



Maracanã (Rio de Janeiro) em dia de jogo. Foto de Oscar Liberali.

cos, obtendo só mais recentemente maior reconhecimento do ponto de vista cultural por parte do Estado brasileiro. Um marco dessa mudança de atitude diante do esporte é o tombamento em 2000 do estádio do Maracanã (Estádio Mário Filho), no Rio de Janeiro, pelo IPHAN. O processo de tombamento tramitou por 17 anos, até que os critérios para a sua valoração considerassem mais o seu valor como palco de uma das maiores manifestações populares do Brasil do que os seus outros valores histórico ou artístico-estético, referindo-se especialmente a sua “extraordinária monumentalidade”, “a monumentalidade da massa que o utiliza” e ao “seu valor simbólico para a quase totalidade do povo brasileiro”. Alvo de recentes polêmicas por conta das reformas estruturais que vem sofrendo para se adequar à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas do Rio de 2016, o Maracanã é um ícone, talvez o mais significativo, da identidade entre o futebol e a população brasileira.

cotidiano e profundamente arraigado em nossa cultura. Temos o “dono da bola”, o teórico, o jogador habilidoso, o “cartola”, o juiz ladrão e, por que não, um cachorro! A divertida presença de Canhoto, cachorro que integra o time, confere algo de mágico, surpreendente e criativo ao universo do jogo, comumente qualificado como “uma caixinha de surpresa”; um jogo que possui muitas variáveis e que, tal como a vida, é sempre imprevisível.

Os apelidos, outra prática nacional tão popular quanto o futebol, que se associam ao modo de nomear situações de vida a partir da linguagem futebolística, não raro revelam a sofisticação do humor brasileiro na interpretação da realidade e na construção das identidades: Cascão (que não toma banho); Assombração/Sombra (que aparece e some sem que ninguém saiba onde mora); Orlandinho (que não é apelido de Orlando, mas de um sobrenome complicado); Roberto, que ficou sem apelido de tão certinho; Moreirão e Moreirinha (gêmeos); Canhoto (que joga na ponta esquerda); Cristo Redentor (o mais alto de todos).

As ilustrações de Aroeira reproduzem com humor o gosto dos torcedores de futebol e da cultura futebolística midiática, representando de forma “espetacular”, engraçada e “esquemática” as duas “grandes jogadas” narradas no livro. Com outras pequenas doses de humor, o ilustrador cria vinhetas para introduzir os capítulos, cujos títulos, nada óbvios, têm a função de instigar essa gostosa leitura.



Maracanã (Rio de Janeiro). Arquivo Central do IPHAN/RJ





MENINO PARAFUSO

Autor: Olívia de Mello Franco

Ilustrações: Angelo Abu

Editora: Autêntica

Ano: 2008

Menino parafuso é um livro em que imagem e texto verbal estão de tal forma conectados para produzir sentidos que não é possível imaginar um sem o outro. Ao folheá-lo, o leitor é capturado pela sensação de movimento, de ritmo, de rodopio – mesmo sem saber do que se trata, já “entra na dança”!

O bailado do menino de peito despido, que percorre quintais, sobe em árvores e se equilibra no varal de roupas, cria a atmosfera da brincadeira. Mas é um “brincante” cercado de mistério: que diabos ele está fazendo, tirando saias rodadas dos varais e vestindo uma por sobre a outra até o pescoço? Continua seu rodopio lembrando a metáfora de que o mundo dá voltas e tudo se transforma.

É com essa ideia que a obra apresenta o sentido de uma das muitas manifestações folclóricas do Brasil: o “Folguedo do parafuso”, só praticado em Sergipe. Se um dia, vestir-se assim já foi verdade, hoje é uma

FOLGUEDOS E BRINCANTES

Chamam-se folguedos os inúmeros festejos populares existentes no país. De caráter lúdico, podem estar associados a motivos religiosos, como na Folia de reis e no Reisado, mas não necessariamente – como no caso da Congada (relativa à coroação dos reis do Congo) e do Bumba meu boi (festejos que criam enredos com dança, música e coreografias em torno da figura de um boi). Espalham-se por todo o território nacional, incorporando elementos de origem africana, indígena e europeia. Embora relacionados à espontaneidade das manifestações culturais, apresentam um grau de ritualização e formalização que permite a continuidade – rica, porém com mudanças e adaptações – de suas tradições. Os rituais podem conter danças, coreografias, músicas, representações teatrais, que remetem às mais diversas e longínquas origens étnicas e nacionais, como as Cavalhadas, encenando as batalhas medievais entre mouros e cristãos, ou as cidades Congadas, ou ainda o Tambor de mina, que congrega os ritos africanos à influência da literatura europeia.

Costuma-se dizer que os brincantes são os participantes dos folguedos. Mais do que isso, na verdade, são os artistas populares dedicados à interpretação e vivificação contínuas dos folguedos, produtores dessa expressão cultural e os responsáveis por sua manutenção.

Como referências culturais nacionais, folguedos e brincantes têm recebido, desde 2000, a proteção oficial do Estado brasileiro, por meio do registro dos bens imateriais, dos inventários e dos planos de preservação desenvolvidos pelo IPHAN. Já se encontram registrados como patrimônio imaterial, entre outros, o Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão (2011) e o Frevo (2007).



Tambor de crioula, Maranhão. Dossiê IPHAN.

alegoria que representa e homenageia o engenho dos negros fugidos que desafiavam e assombravam seus senhores.

Com leveza e perspicácia, a narrativa verbo-visual – também com suas “camadas de saias” que se superpõem – transmite a espontaneidade que caracteriza o surgimento e a permanência das manifestações folclóricas, mostrando que ao longo do tempo novos sentidos lhes são atribuídos. Na espécie de pré-dança que o menino realiza é possível perceber como as expressões folclóricas estão conectadas às maneiras de se viver, fazendo referência aos espaços de morar, aos tipos de trabalho, aos modos de se vestir. As festas não acontecem todos os dias, mas celebram a vida de todos os dias.

As imagens reforçam ainda a ideia da indumentária como forma de transformar o que é comum (o cotidiano) em extraordinário (a festa). A técnica de ilustração empregada dá ao leitor a impressão de poder sentir nas pontas dos dedos a textura de tecido, ainda que isso se dê apenas no plano visual e não tátil. No folguedo paraafuso a vestimenta e a pintura do rosto são os elementos que transformam seus participantes em brincantes dançarinos - o menino do “mundo” se converte em “expressão” do mundo ao se vestir.

É um belo livro, que por último traz também informações sobre a história e a prática do folguedo, mas já nos tendo feito rodopiar e participar da preparação da festa!



CAVALHADAS DE PIRENÓPOLIS

Autor: Roger Mello

Editora: Agir

Ano: 2002

A história de Roger Mello é sobre poesia. Dito de outra forma: há tanta poesia nessa história! No ritmo dos versos, na festa folclórica sobre o combate entre mouros e cristãos, na conexão da festa com a vida da cidade de Pirenópolis, na presença das leis da natureza, no desejo de amor. Mas muito provavelmente não seríamos capturados por essa força poética se ela não estivesse traduzida nas imagens coloridas, de um grafismo simples e direto, característico da linguagem naïf, capaz de expressar o que é essencial, puro, autêntico e, por fim, de criar uma atmosfera lúdica.

Por meio dessas qualidades, a obra permite ao leitor conhecer as Cavalhadas de Pirenópolis, não porque as descreve, mas porque as representa – a disposição espacial da festa, o traçado urbano da cidade, a feição geral da igreja matriz, a ponte, o rio, as janelas com doces e donas, as máscaras e os cavalos enfeitados. Trata-se de uma representação tão fiel à essência desses elementos que rapidamente torna o leitor íntimo desse universo.



Cavalhadas. Pirenópolis/GO. ACI/RJ.

PIRENÓPOLIS

A cidade de Pirenópolis, em Goiás, é tombada pelo IPHAN desde 1990. Ao seu conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico, representante do ciclo do ouro em Goiás, no período colonial, somam-se diversas manifestações culturais que, aos poucos, têm obtido o devido reconhecimento por parte do Estado brasileiro. Não é possível entender a importância dessa cidade sem relacionar a riqueza de suas edificações com a riqueza de suas expressões imateriais. As Cavalhadas e a Festa do Divino Espírito Santo são exemplos de manifestações populares realizadas todos os anos na cidade.

As Cavalhadas são folguedos populares que tiveram origem nos torneios equestres medievais, na Península Ibérica, representando as lutas entre cristãos e mouros. Difundiu-se no Brasil a partir do Nordeste, no século XVII,



Cavalhadas. Pirenópolis/GO. ACI/RJ.

A esse modo afetivo de narrar, acrescenta-se a história do jovem protagonista, que, apaixonado, quer oferecer a sua amada a flor do cerrado. Flor que não se deve colher sem enfrentar a ira do Carcará. Com a ajuda de um cavaleiro mascarado – “brincante” das Cavalhadas –, que lhe empresta sua máscara de onça para amedrontar o carcará, o menino dá sequência a sua aventura.

A estratégia narrativa para a apresentação dessa manifestação cultural resultou em uma rica interpreta-

espalhando-se depois por todo o país. Em Pirenópolis, são realizadas durante a festa do Divino, 40 dias após a Páscoa.

A Festa do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis, foi registrada em 2010 como patrimônio imaterial pelo IPHAN, sendo inscrita no Livro das Celebrações. De origem portuguesa e medieval, é provavelmente a mais importante Festa do Divino no país, realizada na cidade desde, pelo menos, 1819. Parte inseparável do cotidiano da cidade, constitui um poderoso elemento de identidade local. No dizer do dossiê de registro do bem, onde estão contidas preciosas informações sobre essa manifestação, recolhidas a partir de cuidadoso inventário das várias celebrações que a compõem, “a cidade faz a festa e a festa faz a cidade”: as folias da Roça, da Rua e do Padre, as Cavalhadas, a encenação de dramas e operetas, ranchos, bailes sertanejos, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito, apresentando suas congas e congados, são alguns dos momentos principais dessa celebração religiosa. Vale notar que não existe um tempo específico para esses festejos – eles marcam e ditam o ritmo da cidade o ano inteiro. A população da cidade, quando não está realizando diretamente a atividade, está imersa em sua organização e seus preparativos.



Cavalhadas em Pirenópolis/GO. ACGI/RJ.

ção do que constitui o patrimônio cultural. Podemos ver, associados ao patrimônio arquitetônico da cidade (de fato, há fidelidade das ilustrações em relação à configuração urbana de Pirenópolis), a celebração (não como cenário, mas conectada à vida), a natureza (compreendida pelo ponto de vista cultural) e seus elementos, como as “leis”, credences e lendas que surgem da relação dos homens com o seu meio natural.

Por essas razões podemos dizer que o autor encontrou – e fez da sua obra um modo de revelar – a dimensão poética do patrimônio cultural, para além dos conteúdos e sentidos de cunho informativo sobre os quais produzimos conhecimento, mas valorizando um outro saber construído a partir da experiência sensível, da emoção, da brincadeira, da festa!



MARIA PEÇONHA

Autor: André Neves

Ilustrações: André Neves

Editora: DCL

Ano: 2001

A obra de André Neves mescla diversos elementos da cultura gaúcha na criação livre de uma lenda. É próprio da lenda pertencer à tradição oral, ser transmitida de geração em geração, fornecer algum tipo de explicação para eventos ou fenômenos inexplicáveis ao senso comum, ser inventada e, ao mesmo tempo, expressar a verdade sobre modos de ver o mundo de uma determinada coletividade ou região.

Com tais características, esse tipo de narrativa permitiu ao autor criar uma história fantástica sobre a origem e trajetória da cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul, para apresentar diversos aspectos da tradição gaúcha, entre eles a crença em bruxas e em suas maldições. Não se trata de uma visão totalmente fantasiosa ou simplesmente negativa das bruxas; a crença nelas parece ter um caráter de revelação, identificado com as forças da natureza. O mistério que cerca a origem da protagonista – a ameaça do desconhecido – e a rejeição por ela sofrida, após ter sido generosa com a cidade, convertem



TRADIÇÕES E CULTURA

O que são tradições? Criadas ou inventadas, mantidas ou preservadas, as tradições repetem rituais e formas ao longo do tempo. Nesse processo, emprestam novos significados a antigos sentidos religiosos, culturais e sociais. Imaginamos tradições culturais como heranças vindas de tempos muito distantes, imemoriais. Ao lembrar nossa infância, pensamos nas brincadeiras, festas e cantigas, supondo que elas existiram desde sempre – e mais, como sendo sempre imutáveis. Mas as tradições, como todas as expressões culturais, têm história, duração e sofrem transformações, às vezes profundas. Quando falamos do Carnaval e do samba, por exemplo, presumimos que eles sempre estiveram unidos, como uma coisa só. Mas o Carnaval brasileiro dos tempos da Colônia não é o mesmo da época do Império, como esse não é igual ao do início do século XX – e nenhum deles é idêntico ao que presen-

seu dom de florir jardins e quintais na maldição de tornar o solo infértil. Dessa forma encantada, o autor revela ao leitor o processo de criação das lendas e histórias da tradição, propiciando a compreensão desse recurso universal para explicar o mundo. Neste caso, a lenda metaforiza o fenômeno da desertificação das terras, que hoje é conhecido, estudado e integra as pautas de discussão e preservação do meio ambiente, mas que nem sempre encontrou uma explicação plausível para os habitantes das regiões onde tal fenômeno ocorre.





ciamos atualmente, embora haja semelhanças entre todos eles. Muitas vezes, tomamos como muito antigo algo relativamente recente: o samba carioca, mesmo tendo raízes tão ancestrais, fincadas na África, nasceu no século XX. E essa confusão pode ser fruto de interesses ideológicos variados, escondendo a intervenção direta, por exemplo, do Estado, interessado em eleger certas manifestações – como o samba e a capoeira – como as mais representativas de sua identidade, em detrimento de outras, impondo, ao mesmo tempo, restrições e alterações a essas manifestações. De outro lado, interesses econômicos podem tornar uma dança folclórica espetáculo para consumo de massa, afetando profundamente a vida de seus participantes. Tais intervenções não impedem que os próprios participantes encontrem estratégias de sobrevivência e defesa de suas tradições, reescrevendo sua própria história, para além dos discursos oficiais, com a esperteza, o humor e a criatividade de quem sempre lutou – e conseguiu – se manter vivo.

A narrativa é enriquecida com as mais diversas referências à cultura do sul do país, como a literatura, o chimarrão, o artesanato de bonecas, a vestimenta, as cantigas e brincadeiras, a religião, a contação de histórias – a protagonista ouve histórias e depois transforma-se, ela própria, na história!

As ilustrações oferecem essa atmosfera de encanto associada ao universo cultural gaúcho. Em várias cenas, reproduz a textura de tecidos como pano de fundo, onde, vez ou outra, são aplicados detalhes em renda e bordados, como se o livro fosse, ele próprio, um trabalho artesanal de costura. São de grande beleza e reforçam o ritmo dramático da narrativa, lida num fôlego só, como manda a tradição das boas histórias de mistério.



MARCELO, MARMELO, MARTELO E OUTRAS HISTÓRIAS

Autor: Ruth Rocha

Ilustrações: Mariana Massarani

Editora: Salamandra

Ano: 2011

A escolha dessa obra reflete a intenção de introduzirmos o tema da linguagem como algo que está na base da noção de patrimônio cultural: especialmente, a compreensão de que as línguas faladas constituem, muito mais do que um meio de comunicação, um modo de ver, conceber e transformar o mundo.

Em *Marcelo, marmelo, martelo*, a autora trata da relação afetiva entre pais e filhos no processo natural de aprendizagem da língua materna vivido por todos nós na infância. Quando o protagonista, um menino talvez entre seus seis ou sete anos de idade, reinventa seu modo de falar, nos faz lembrar que a linguagem só é possível como uma prática social, ou seja, quando é resultado da interação entre os membros de uma comunidade, seja uma família, uma cidade, estado, região ou país ou, ainda, entre grupos que se diferenciam por faixa etária, classe social e mesmo por gênero. A construção coletiva dessa linguagem é fundadora da interação humana e da capacidade de criar cultura. Na linguagem residem os fundamentos do que costumamos chamar de identidade – conceito que perpassa toda a concepção do que seja o patrimônio cultural de um povo.



CRIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Como expressão criadora, a língua contempla a manifestação individual, ao mesmo tempo que traduz a identidade coletiva dos grupos que a constituem e dela se utilizam. A valorização das infinitas maneiras de apreensão e descrição da realidade proporcionada pelas línguas, tanto em nível da criação individual quanto da criação das diversas comunidades linguísticas, passa necessariamente pelo reconhecimento político e social das comunidades e consequentemente do seu direito a sua identidade linguística. Daí a importância de documentos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (publicada pela UNESCO em 1996), a qual estabelece, em seu artigo 7º que, “todas as línguas são a expressão de uma identidade colectiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar-se das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções” e que “cada língua é uma realidade constituída colectivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora”.

O interessante nessa narrativa é que uma criança se pergunta sobre o processo de construção da linguagem e sobre a condição de “prisioneira” da língua que lhe foi ensinada. Ao fazer isso, assume uma atitude libertária quando resolve, ela mesma, inventar novas palavras para nomear o mundo à sua volta, com base em uma lógica toda própria. Por um lado, a sua “rebelia” mostra que o relacionamento entre adultos e crianças não está baseado apenas na relação daquele que sabe com o que não sabe – a língua é, por que não, o mundo poderia ser diferente, não poderia? Por outro lado, quando a comunicação não se estabelece, as necessárias trocas sociais não ocorrem. O falante pode e tem a capacidade cognitiva de criar novas palavras, e é esse movimento que faz a língua ser viva e passível de ser modificada de acordo com novas visões de mundo, mas visões de mundo necessariamente compartilhadas.

As ilustrações, com muita graça e eficiência, desempenham o papel de ampliar a noção de linguagem com a representação de gestos e expressões que significam espanto, decepção, gritos, afeto, harmonia, para além do que está expresso no texto verbal. Com boa dose de humor nos momentos em que os personagens não “falam a mesma língua”, a narrativa se apoia na linguagem icônica para reestabelecer a comunicação com os leitores, fazendo-os interagir com a “nova língua” e participar do conflito.

O desfecho da história é justamente a demonstração de que, quando há adesão, quando os membros de um grupo interagem nesse movimento de interpretação do real que caracteriza a experiência humana, a linguagem acontece... como mágica!



CONTAS DE DIVIDIR E TRINTA E SEIS BOLOS

Autor: Cora Coralina
Ilustrações: Claudia Scatamacchia
Editora: Global
Ano: 2011

A obra de Cora Coralina foi escolhida para tratarmos da linguagem como um fenômeno que permite a constituição de grupos identitários diferentes. Em *Contas de dividir e trinta e seis bolos*, obra de notável qualidade poética, podemos observar mais detidamente não só o movimento da língua, suas alterações ao longo do tempo, mas também sua diversidade em termos regionais.

Trata-se de um texto datado, ou seja, temas como infância, educação, padrão moral, castigo, ambiente rural *versus* cidade, embora presentes hoje em nossas vidas, têm abordagens, de certa forma, já superadas. Em outras palavras, não tratamos mais desses assuntos da forma como o faz a autora, mas tratamos desses assuntos, que continuam fundamentais para a compreensão do nosso modo de viver. A narrativa, por meio dos modos de falar e do vocabulário utilizado, expressa comportamentos e visões de mundo que permitem ao leitor saber que a história se passa num outro tempo e num lugar específico.



A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

A diversidade dos modos de falar ou das línguas faladas no território nacional (são mais de duzentas) expressa a multiplicidade de concepções de mundo e maneiras de viver no Brasil. São povos descendentes de imigrantes, indígenas, além das variações do português por sintaxe, sotaque e vocabulário que caracterizam regiões e diferentes grupos sociais. Os trabalhos com o patrimônio cultural, tanto para identificar as suas várias expressões, quanto para protegê-lo passam pelo respeito, pela necessidade de conhecimento e, em alguns casos, pela recuperação das línguas nativas faladas dos muitos grupos identitários que compõem o que costumamos chamar de "povo brasileiro". Muitas línguas já desapareceram no Brasil e sempre que uma língua "morre", morre também um modo de compreender a realidade.

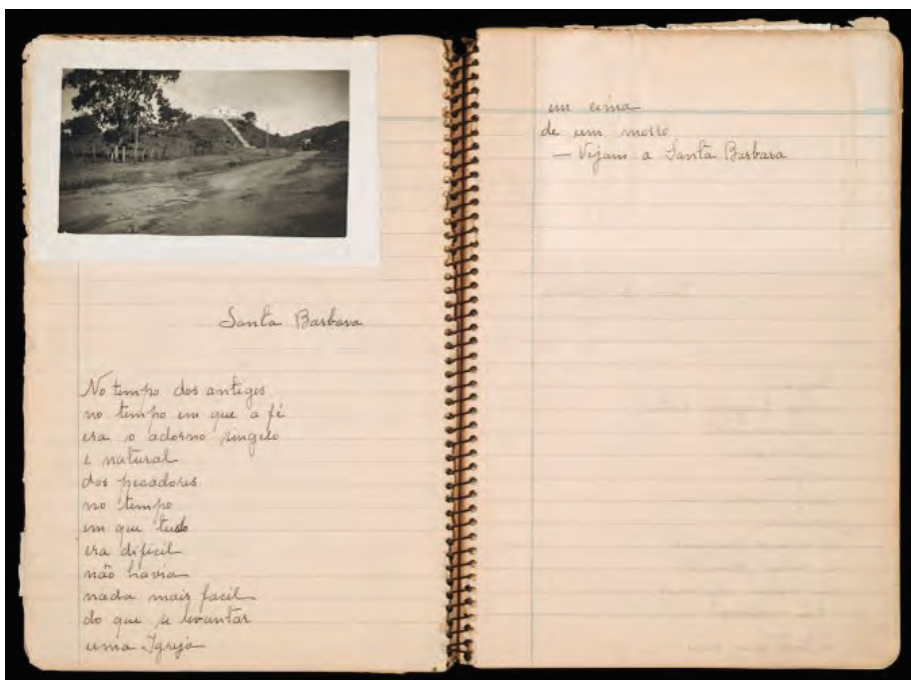
Em 2006, foi organizado um Seminário Nacional da Diversidade Linguística, com o objetivo de estabelecer uma política de proteção para as

O castigo, por exemplo, é uma prática que permanece entre nós, mas com formas diferentes de ser infligido. Nessa história ele toma forma pelo uso da palmatória – palavra que não faz mais parte do nosso vocabulário corrente e prática que não mais existe no nosso sistema educacional. Conhecemos a palmatória por relatos de pessoas mais velhas, pela literatura ou se visitamos alguns museus que a expõem em seus acervos.

A presença de termos regionais, por sua vez, característicos do falar goiano, chega a dificultar em alguns trechos da narrativa a fluência do leitor comum, mas são palavras que nos transportam para uma maneira de viver associada à vida rural, a um contexto regional específico e que expressam a variedade de termos de uma língua, tanto para nomear "a mesma coisa" (o que conhecemos), como para "criar" novas (o que não conhecemos).

As ilustrações de Claudia Scatamacchia contribuem para a composição do universo diferenciado de Cora Coralina, com cenas e expressões que reforçam a densidade dramática dos seus conflitos e personagens. Também criam uma ambientação acolhedora e ao mesmo tempo exuberante da vida no interior e da infância, quando transcorre em contato com a natureza, nos transportando, em sintonia com o texto verbal para esse contexto.

A obra traz ao final um pequeno glossário que, de forma talvez provocativa, não dá conta de todas as palavras, em tese, "desconhecidas" do atual leitor, instigando-o a procurar saber mais. É um livro que por meio



línguas faladas no Brasil. Tal Seminário partia do reconhecimento da necessidade de se manter e promover a riqueza cultural proporcionada pela diversidade linguística existente em nosso país. E do entendimento de que caberia ao Estado brasileiro o dever de realizar essa tarefa.

O resultado desse Seminário foi a criação de um Grupo de Trabalho dentro do governo brasileiro com a finalidade de elaborar um instrumento que fosse adequado ao desafio de se preservar essas línguas. Em dezembro de 2010, finalmente, foi lançado o decreto-lei 7387, que criou o Inventário Nacional da Diversidade Linguística "como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos grupos formadores da sociedade brasileira". Toda língua, uma vez incluída nesse inventário, passa a receber o título de Referência Cultural Brasileira.

da linguagem – ela mesma de outro tempo e de outro lugar – nos dá a conhecer a variedade e riqueza dos modos de vida.



Quatuor in
medis desca
bo. Ormado
Flanis,
Romilato
Kotas, et lue
reanno



MESTRE LISBOA, O ALEIJADINHO

Autor: Nelson Cruz

Ilustrações: Nelson Cruz

Editora: DCL

Ano: 2007

A obra de Nelson Cruz apresenta uma proposta informativa de caráter biográfico sobre um dos nossos maiores artistas – o escultor, entalhador e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Com base em pesquisa cuidada, cujas fontes são apresentadas ao final do livro, o autor imprime ao texto o seu modo de contar essa história, que integra o ensino da arte no Brasil em diversos níveis. Embora muitas vezes contada a vida do artista mineiro, encontra-se nessa versão algo diferente – a apresentação de conteúdos à luz da humanização do personagem e de sua cidade.

A narrativa trabalha com dados históricos que contextualizam a vida e obra do artista, estabelecendo nexos com a maneira de viver nesse período de consolidação das cidades mineiras, na segunda metade do século XVIII. Dá notícias sobre como as obras eram encomendadas, sobre como o artista foi sendo moldado pelo aprendizado com seu pai arquiteto, sobre como a cidade do ouro preto clamava por obras monumentais

OS PROFETAS DE CONGONHAS

Uma das mais notáveis obras de Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa) é o conjunto de esculturas reunidas no Santuário de Nosso Senhor Bom Jesus do Matosinho, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Tombado pelo IPHAN em 1939, o Santuário é composto pela igreja de Bom Jesus, que fica no alto de uma colina, e seu monumental adro com escadarias, muros e parapeitos onde estão dispostas as esculturas dos profetas, além de seis capelas que definem o caminho de subida da colina e que reúnem as esculturas dos Passos da Paixão, também de autoria de Aleijadinho. O Santuário teve nas esculturas dos profetas seu elemento de maior projeção, inclusive internacional. Em 1985, o conjunto foi eleito Patrimônio Cultural da Humanidade.

A série dos doze profetas de Aleijadinho, compostos em pedra-sabão e em tamanho natural, é considerada uma das obras-primas do barroco brasileiro. Construídos aproximadamente entre os anos de 1800 e 1805, expressam a religiosidade do período colonial brasileiro, associada à riqueza da região das Minas Gerais. Na obra de Aleijadinho, os profetas são sua última grande realização e, para alguns estudiosos, o apogeu de seu estilo. Apresentam tal imponência que todo o conjunto do Santuário parece se subordinar a elas.

O desafio de se preservar o Santuário é enorme. A maior dificuldade reside no fato de as esculturas estarem expostas ao ar livre, sofrendo a ação das intempéries naturais – sol, vento, micro-organismos – e principalmente da ação humana – poluição, vandalismo. Por esse motivo, estudos científicos e técnicos têm sido realizados na tenta-



Profetas. Congonhas do Campo/MG. ACI/RJ.

e podia custeá-las, de modo que fossem as mais belas possíveis. A arte estava a serviço desse desejo e o artista era valorizado por ser quem criava a beleza.

Também são fornecidos dados sobre como vivia o Aleijadinho, seu temperamento, sua condição mestiça, sua relação de trabalho com os escravos, sua luta com a doença, além de dados sobre os acontecimentos sociais e políticos em Vila Rica, a presença forte de intelectuais formulando ideias e críticas, o gosto pela literatura, a nova e movimentada Casa de Ópera, os rumores políticos, a Inconfidência e a tristeza que se seguiu a ela.

Com as ilustrações, Nelson Cruz dá vida à cidade colonial, mostrando situações de trabalho, de lazer entre pessoas modestas, de encontros sociais, além da prisão dos revoltosos obrigados a deixar a cidade. A referência às obras do artista também se faz presente nos traços das vinhetas que ornamentam as páginas,



tiva de resolver ou ao menos minorar os efeitos da ação do tempo no monumento. Em 2010, o IPHAN, em parceria com a UNESCO, iniciou um projeto de criação de réplicas das estátuas por meio de um cuidadoso trabalho de escaneamento e digitalização em 3D das originais, que permitirão estudos mais aprofundados sobre a composição das estátuas e o desgaste por elas sofrido, além de virem a constituir parte do acervo do memorial Congonhas, em fase de montagem.

nas molduras das cenas ilustradas e, certamente, na representação do celebrado conjunto dos “Profetas”, que compõe o Santuário do Bom Jesus de Matosinho em Congonhas, Minas Gerais.

Por último, há ainda uma cronologia que reforça a ideia de que o conhecimento permite estabelecer conexões e, que quando isso acontece, o aprendizado é mais profundo e duradouro. Com a seleção de fatos relativos à arte, à música, aos avanços tecnológicos, aos movimentos sociais e à história do pensamento mundiais contemporâneos ao período de vida do Aleijadinho, o autor coloca nosso artista (e a nós também) no mundo!



A HISTÓRIA DE BIRUTA

Autor: Alberto Martins

Editora: Companhia das Letrinhas

Ano: 2008

A História de Biruta é um livro de forte conteúdo informativo, que encontra uma maneira criativa de não se apresentar como um livro informativo. O texto de Alberto Martins constrói um caminho de exposição de um dos registros pictóricos mais conhecidos e valorizados do Brasil Colônia: as aquarelas de Debret retratando o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Mas, numa espécie de costura, a narrativa associa a seleção de imagens a um texto em versos, que nos aproxima afetivamente do narrador em sua (e agora nossa) aventura de conhecer a vida da cidade colonial.

Biruta é um cão andarilho (estranho ao lugar), que “certa vez” esteve a “olhar” essa cidade, como fez Debret e como podemos fazer hoje por meio das aquarelas do artista. Seu olhar é de um observador, que se revela tanto pela seleção de imagens quanto por suas observações e comentários perspicazes, por vezes com humor, perplexidade, indignação, emoção. O movimento

DEBRET E CASTRO MAYA

Pintor, desenhista e gravador, Jean Baptiste Debret também foi um dos artistas viajantes que desempenharam nos séculos XVIII e XIX o papel de documentar e registrar o nosso território e a nova sociedade brasileira. Nascido em 1768, em Paris, formou-se pela Academia de Belas Artes, transferindo-se para o Brasil com a chamada Missão Artística Francesa, em 1816. No Rio de Janeiro, tornou-se também professor na Academia Imperial de Belas Artes recém-criada e retornou para Paris em 1831. Sua obra se tornou um dos mais importantes registros visuais da vida, da natureza e da sociedade brasileira, na primeira metade do século XIX. Com seu olhar atento às peculiaridades do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, seus quadros enfocaram o trabalho dos escravos, a vida dos índios e cenas de manifestações culturais, como as festas e outros costumes da população local. Tal atenção aos detalhes, juntamente com a preocupação com o sentido histórico de suas imagens, conferiu à sua obra um forte caráter documental. Tal aspecto se revela principalmente em seu livro *Viagem histórica e pitoresca ao Brasil*. Organizada em três volumes, a obra, lançada originalmente na França entre 1834 e 1839, apresenta os retratos produzidos por Debret, acompanhados de textos explicativos.

Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968) foi um importante empresário, mecenas e colecionador brasileiro, nascido na França, que formou ao longo de sua vida um rico acervo de obras de arte dos mais variados estilos e procedências. Entre 1939 e 1940, Castro Maya adquiriu em Paris as 490 aquarelas e 61 desenhos que constituem, provavelmente, o maior acervo de obras de Debret reuni-



Debret e Castro Maya.



Museu do Acude. Rio de Janeiro/RJ. ACI/RJ.

de escolher o que ver e ter sobre as coisas um olhar crítico reproduz para o leitor o processo criativo do artista que, impactado pela sociedade que aqui encontrou, foi além de suas incumbências oficiais, retratando tudo o que via.

Essa obra parece ser uma oportunidade de dar acesso fácil e prazeroso a esse registro pictórico tão importante do Brasil, que circula tradicionalmente em outras esferas do conhecimento talvez mais especializadas, convidando os leitores a conhecer mais sobre pintura, sobre o Brasil Colônia, sobre os viajantes do século XIX.

O projeto gráfico respeita as imagens como as verdadeiras protagonistas da história: as aquarelas de Debret ocupam sempre página dupla. Às vezes reserva-se uma faixa lateral para o texto verbal e para retratar nosso narrador – um cãozinho colorido, pictórico, por assim dizer, com ar travesso, que de forma muito irreverente, vez ou outra, “pula” para dentro das aquarelas, estimulando o leitor a se sentir capaz de fazer o mesmo.



Museu da Chácara do Céu. Rio de Janeiro/RJ.

das no Brasil. Em 1954, colaborou com a edição dos livros de Debret (*Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, 1954).

Em 1963, criou a Fundação Castro Maya e, em 1964 e 1972, transformou as duas residências onde estava guardado todo esse material no Museu do Açude e no Museu da Chácara do Céu. A fundação durou até 1983, quando foi extinta, e os museus foram integrados ao IPHAN. Atualmente, ambos, conhecidos simplesmente como Museus Castro Maya, pertencem ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Com projeto do arquiteto Wladimir Alves de Souza e jardins do paisagista Roberto Burle Marx, o Museu Chácara do Céu é tombado desde 1974 pelo IPHAN, inclusive todo seu acervo histórico e artístico. Situado no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, o Museu inclui em seu acervo a coleção Brasileira, que reúne, entre outras obras de arte e livros, os mencionados desenhos e aquarelas de Debret.



Museu da Chácara do Céu. Rio de Janeiro/RJ. ACI/RJ.



UM QUILOMBO NO LEBLON

Autor: Luciana Sandroni

Ilustrações: Carla Irusta

Editora: Pallas

Ano: 2011

A obra trata do tema quilombo, que, de um modo geral, ainda pertence à esfera de especialistas, historiadores, militantes das causas afrodescendentes e sobre o qual o senso comum tem muito pouca informação, focalizando-o por meio de uma forma ainda menos conhecida, os quilombos urbanos abolicionistas.

Com uma proposta ficcional de caráter informativo, o texto cria personagens e conflitos fictícios que se imbricam com fatos e personagens verídicos, promovendo a humanização dos episódios históricos. Conhecendo o íntimo de todos os personagens – do confuso e irreverente bebê quilombola, ainda na barriga da mãe, à aflição dos abolicionistas em ter seus planos de fuga e de acolhimento de escravos a qualquer momento frustrados – a narradora humaniza os conflitos e mostra a perspectiva de envolvimento e parceria necessários entre pessoas reais, para que os acontecimentos tenham lugar e ganhem, com o tempo, a chancela de “históricos”. Com muita sensibilidade e criatividade cria uma

QUILOMBOS

Durante muito tempo, pensou-se que os quilombos pertencessem à época da escravidão no Brasil e que houvessem desaparecido com a Abolição da Escravatura, em 1888. Associados à ideia de fuga e resistência à escravidão, disseminou-se a ideia de que teriam desaparecido por completo. Nas últimas décadas, porém, foi se descobrindo todo um universo de quilombos e quilombolas ainda existentes no Brasil. Denominados “terras de pretos” ou “territórios negros”, os quilombos haviam permanecido quase ocultos até a Constituição de 1988 determinar que ficassem “tombados todos os documentos e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”. Isso abriu um enorme leque de possibilidades e responsabilidades por parte do Estado brasileiro para com os quilombolas. Coube à Fundação Palmares a certificação dessas áreas quilombolas, fornecendo-lhes o título dessas terras.

Atualmente, de maneira mais ampla, entende-se por quilombos as comunidades rurais de afrodescendentes formadas tanto a partir das fugas de escravos quanto por outros mecanismos, tais como: doações, heranças, compras ou a simples posse das terras já ocupadas por eles, seja durante a vigência do regime escravocrata seja após a sua extinção. Essa concepção ampliada do que sejam os quilombos, assim como o reconhecimento gerado pela Constituição brasileira, contribuiu para seu resgate e sua valorização como elementos fundamentais da identidade cultural afrodescendente no Brasil.



Casa. ACI/RJ.

narrativa que intercala situações de vida comuns aos tempos da escravidão e das lutas travadas para a sua extinção, com informações históricas mescladas ao texto ficcional ou destacadas às margens das páginas, por meio da estrutura do hipertexto.

Valendo-se da Apresentação de Eduardo Silva e do primeiro capítulo “Esta história não é inventada”, a autora estabelece logo de início uma rica e divertida discussão sobre os limites, nem sempre precisos, entre o que é verdade histórica e o que é ficção: “Então, como eu dizia, esta história não é inventada, mas, como você sabe, quem conta um conto aumenta um ponto.” E adiante: “Mas, enfim, vamos fingir que foi assim, senão a história não anda.”

Com leveza e humor, a narrativa cria vários momentos de interlocução direta com o leitor, aproximando-se dele com perguntas, comentários e perplexidades, como se o instigasse a fazer o mesmo caminho percorrido pela curiosidade da autora no seu trabalho de pesquisa.

O projeto gráfico reflete a estratégia narrativa de estabelecer conexões entre realidade e ficção, para propiciar a produção de conhecimento. Para isso, estabelece uma boa dinâmica entre os textos informativos, fotos de época, vinhetas e detalhes em todo o miolo, e as ilustrações, que a cada início de capítulo tomam a página inteira, apresentando imagens que instigam a imaginação do leitor para o conteúdo que será lido a seguir.



PONTE PONTEIO

Autora: Leny Werneck
Ilustrações: Rui de Oliveira
Editora: Global
Ano: 2011

Ponte Ponteio conta uma história sobre a memória como construção, como um processo intelectual e afetivo de seleção daquilo que desejamos manter conosco. Uma menina, entre seus nove ou dez anos, que passa regularmente as férias na fazenda de seus avós e tios, experimenta o impulso de crescer associado à perda iminente do “lugar” que caracteriza sua infância. A fazenda, com um tipo de vida e de ocupação rural em declínio – o cultivo do café no Vale da Paraíba –, está para ser vendida.

O intercâmbio entre os adultos, aqueles que em princípio detêm a dimensão mais objetiva do problema, e as crianças reflete-se no desejo da menina de intervir na realidade da fazenda. Ela quer construir uma ponte! A tarefa, aparentemente impossível para alguém da sua idade, é acolhida por seu tio, num gesto de reconhecimento da capacidade infantil. Juntos, adultos e crianças constroem uma “ponte possível”.

A ponte é, por si mesma, símbolo da transposição de obstáculos, da ideia de movimento, de poder seguir



PATRIMÔNIO RURAL

Habitualmente, pensamos o patrimônio cultural relacionado às cidades e à vida urbana. Cidades históricas, museus, igrejas, além de manifestações culturais diversas, como celebrações (os congados, o bumba meu boi, o samba de roda) e expressões musicais populares (samba, jongo, frevo) têm sido alvo da proteção do Estado brasileiro. Mas outras formas de patrimônio, fora das cidades, também tiveram a atenção das políticas de preservação do patrimônio cultural, ainda que em menor escala. Um bom exemplo disso são as fazendas de café do Vale do Paraíba, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Surgidas no apogeu da produção cafeeira do século XIX, deixaram seu rico legado de moradias e lugares que remetem à experiência da economia escravista daquele

em frente e também poder voltar, da passagem de um estágio de vida para outro, de unir duas pontas, duas margens, de ligar um tempo a outro. Construir uma ponte num contexto de perda e de transformação é falar de memória.

A memória pertence ao presente, ou seja, se faz por quem está presente, não pertence ao passado. A seleção do que queremos lembrar (pois não é possível lembrarmos de tudo), representa uma escolha definida pelo desejo do que queremos ser. Como nos diz a protagonista: “Eu vou ter também que aprender a lembrar, antes de esquecer.” Assim, a memória é a ponte que construímos entre o passado e o futuro, na tentativa de querermos saber quem somos, unindo as margens: aquela de onde viemos e aquela na qual ainda seremos. O presente é sempre uma travessia entre essas duas margens.



Fazendas no estado do Rio de Janeiro. ACI/RJ.

período histórico e que nos ensinam sobre como eram e como são hoje os modos de viver, morar e trabalhar no campo. Recentemente, muitas dessas fazendas se tornaram foco de roteiros turístico-culturais, contribuindo para revitalizar a região. A fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras, é uma desses exemplares de fazenda tombada em 1970 pelo IPHAN por seu valor histórico como representante do ciclo do café e da arquitetura do século XIX.

As ilustrações de Rui de Oliveira contribuem com o texto, “materializando” os personagens, caracterizando a época em que se passa a história e a ambiência da fazenda. A ênfase nas expressões faciais e no olhar dos personagens talvez queiram reforçar a dimensão do indivíduo no processo histórico coletivo. Finalmente, o título Ponte Ponteio se subdivide para denominar o primeiro e o último capítulos, respectivamente: se “Ponte” representa a ideia de passagem, “Ponteio”, por sua vez, quer dizer alinhavo, marca, costura que liga duas partes, neste caso, uma nova vida e suas heranças.

ÍNDICE DE AUTORES E ILUSTRADORES



ALBERTO MARTINS

Nascido em Santos, em 1958, o escritor e artista plástico vive e trabalha na cidade de São Paulo. Formou-se em Letras pela Universidade de São Paulo em 1981, e iniciou, neste mesmo ano, seus estudos de gravura na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Em 1985, estudou gravura no Pratt Graphics Center, em Nova York, passando a se dedicar à xilogravura e à escultura. Participou de várias exposições no Brasil e no exterior, e é autor dos livros *Poemas* (1990); *Goeldi: história de horizonte* (1995), pelo qual recebeu o prêmio Jabuti de obra infantojuvenil; *A floresta e o estrangeiro* (2000); *Cais* (2002), com xilogravuras do autor; *Café-com-leite & feijão-com-arroz* (2004); *A história dos ossos* (2005); *Em trânsito* (2010). Em 2000, recebeu o Prêmio FNLIJ na categoria Poesia.

ANDRÉ DINIZ

Nascido em Niterói, em 1969, formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é mestre em Memória Social da Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e doutorando em Literatura Brasileira pela UFF. Professor de Ensino Superior e Ensino Médio, e pesquisador de música popular brasileira, tem diversos artigos e livros publicados, entre eles *Almanaque do choro* (2003), *Almanaque do samba* (2006), *O Rio musical de Anacleto de Medeiros* (2007), *Almanaque do Carnaval* (2008), *Joaquim Callado: o pai do choro* (2008), e *Noel Rosa: o poeta do samba e da cidade* (2010). Escreveu, em parceria com a escritora Juliana Lins, *O Rio de Janeiro de cariocas e fluminenses* (2010), e vários livros da Coleção Mestres da Música no Brasil, como *Pixinguinha* (2003), premiado pelo Instituto Nacional do Livro, *Adoniran Barbosa* (2004), *Paulinho da Viola* (2006), *Braguinha* (2007), e *Noel Rosa* (2008). Atuou também na área política, sendo eleito vereador em 2004, e ocupando o cargo de Secretário Municipal de Cultura, ambos em Niterói.

ANDRÉ NEVES

Nasceu em Recife, Pernambuco, mas mora e trabalha em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formado em Relações Públicas, começou a estudar Artes Plásticas em 1995. Passou a desenvolver atividades relacionadas à literatura infantil e juvenil, como palestras e oficinas. Em 2002,

participou da mostra internacional de ilustração infantil La Immagini Della Fantasia. Escreve e ilustra suas próprias obras, como o livro *Sebastiana e Severina* (2002), além de ilustrar para outros autores. Produziu as ilustrações dos livros *Os deuses e seus enigmas* (2003), *Quando o sabiá canta nossos males espanta* (2003), *Dança na praça* (2003) e *O monstro monstruoso da caverna cavernosa* (2004). Recebeu, entre outros, o Prêmio Luís Jardim, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), de melhor livro de imagem, em 2001, o Prêmio Jabuti, em 2003, e o Prêmio Açorianos RS, de melhor ilustração, em 2004. Várias obras de sua autoria receberam, ainda, selos de Altamente Recomendável, concedidos pela FNLIJ.

ANGELO ABU

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1974, e se mudou para Porto Seguro/ Arraial d'Ajuda. Morou, ainda, em Oklahoma, nos Estados Unidos, entre 1991 e 1992. De volta a Belo Horizonte, começou a estudar psicologia e a dar aulas de inglês. Em um festival de inverno em Ouro Preto, em 1995, cursou uma oficina com Marilda Castanha e Paulo Bernardo Vaz, ilustrando seu primeiro livro, *Zoomágicos*. Formou-se em Cinema de Animação na Escola de Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2000. Ilustrou diversos livros, entre eles, a Coleção Escola em Cena, de Victor Louis Stutz (entre 1999 e 2005), a Coleção Meninos e Meninas do Brasil, de Maria José Silveira (entre 2003 e 2005), *Alberto: do sonho ao voo* (2005), de José Roberto Luchetti, e *Menino parafuso* (2008), de Olívia de Mello Franco.

AROEIRA

Aroeira, como é conhecido Renato Luiz Campos, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Começou como ilustrador, aos 12 anos, em um livro de sua mãe. Publicou charges pela primeira vez em um jornal diário aos 17 anos, tornando-se a partir daí um regular na imprensa mineira. Ao se mudar para o Rio de Janeiro na década de 1980, passou a trabalhar nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, sendo contratado pelo jornal *O Dia*, em 1998, onde está até hoje, e pela Revista *IstoÉ*. Recebeu os prêmios Wladimir Herzog, em 1998, o Líbero Badaró, e a medalha Pedro Ernesto, da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.

CARLA IRUSTA

Meio brasileira, meio argentina, divide seu tempo entre Curitiba e Barcelona, cidade onde mora. Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), em 2004. Especializou-se em Literatura Hispano-americana pela Universidad de Barcelona, na Espanha, em 2005. Em 2008 fez mestrado em Ilustração Infantil, pela UAB – EINA Escola de Diseño y Arte. Trabalha no Estudio Irusta desde 2008, realizando trabalhos de projeto gráfico, ilustração para livros e revistas. Ilustrou os livros *A menina superdotada* (2010), *Carlinhos e o pente* (2010), *Otto* (2011), *Bolinho de chuva e outras miudezas* (2011), *Família Alegria* (2011), *Quem perdeu um elefante* (2012) e *Mistério na floresta amazônica* (2012).

CLAUDIA SCATAMACCHIA

Nascida na cidade de São Paulo, foi aluna do pintor Yoshiya Takaoka ainda adolescente. Formou-se em Comunicação Visual, atuando principalmente nas áreas de pintura, design, projetos gráficos, direção de arte e ilustrações. Premiada várias vezes no Brasil e no exterior, ilustrou obras clássicas e de importantes autores, como Goethe, Virgílio, Andersen, Irmãos Grimm, Perrault, Lewis Carroll, Fernando Pessoa, Érico Veríssimo, Walmir Ayala.

CORA CORALINA

A poetisa Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 1889, na cidade de Goiás. Doceira de profissão, cursou apenas as primeiras letras e já aos 14 anos escreveu seus primeiros contos e poemas. Casou-se com o advogado Cantídio Tolentino Bretas, em 1934, e foi morar em Jaboticabal, interior de São Paulo, onde nasceram e foram criados seus seis filhos. Só voltou a viver em Goiás em 1956. Seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás*, foi publicado pela Editora José Olympio em 1965, quando a poetisa já contabilizava 75 anos. Compôs *Meu livro de cordel* (1976) e *Vintém de cobre – minhas confissões de Aninha* (1983). Foi eleita intelectual do ano e contemplada com o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores, em 1983. Faleceu em Goiânia, no ano de 1985, em sua casa, que foi transformada no museu Casa de Cora Coralina.

JOAQUIM DE ALMEIDA

Nascido na cidade de São Paulo, em 1981, em uma família de artistas, teve desde cedo contato com a literatura e a arte. Capoeirista desde os onze anos de idade, formou-se em Educação Física e se tornou professor de capoeira. Educador, trabalha principalmente com manifestações da cultura popular brasileira. Escreveu seu primeiro livro, *José Moçambique e a capoeira*, em 2007, em parceria com sua mãe, a ilustradora Laurabeatriz. Além dessa publicação, é também autor de *Chico Cambeva no fundo do martelo* (2009) e *Gumercindo e a galinha garoupa* (2011), ambos ilustrados por Laurabeatriz.

JULIANA LINS

Nascida em 1972, no Rio de Janeiro, é roteirista de cinema e televisão, e autora de livros voltados principalmente para o público jovem. É autora do livro *Sinceramente grávida* (2009), e coautora, com André Diniz, de *O Rio de Janeiro de cariocas e fluminenses* (2010), bem como de vários livros da Coleção Mestres da Música no Brasil, como *Pixinguinha* (2003), premiado pelo Instituto Nacional do Livro, *Adoniran Barbosa* (2004), *Paulinho da Viola* (2006), *Braguinha* (2007), *Noel Rosa* (2008). Com Rosane Svartman, divide a autoria do livro *Quando éramos virgens: histórias da primeira vez* (2006). Destacam-se, entre seus trabalhos como roteirista, os roteiros finais do programa *Afinando a Língua* (entre outros do Canal Futura) e o roteiro e a direção, com Rosane Svartman, da série *Quando éramos virgens* (do canal GNT).

LAURABEATRIZ

A ilustradora e artista plástica nascida no Rio de Janeiro, em 1949, mora há vários anos em São Paulo. Começou a expor em 1966, participando de diversas mostras individuais e coletivas. Trabalhou como redatora de publicidade, de 1970 a 1975. Desde 1982 trabalha como ilustradora, colaborando com jornais e revistas. Sua atuação no campo da literatura infantil teve início em 1984, ao ilustrar o livro *Era uma vez um segredo*, escrito por Yone Meloni Nassar. Desde 1994, mantém parceria com o poeta Lalau produzindo livros para crianças, entre eles, *Bem-te-vi* (1994), *Girassóis* (1995), *Uma cor, duas cores, todas elas* (1997), *Brasileirinhos* (2001), *Quem é quem* (2002), *Faz e acontece no circo* (2005), *Faz e acontece no faz-de-conta* (2005), *Futebol!* (2006), *Zum zum zum e outras poesias* (2007). Ilustrou, ainda, as obras *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes (1991), *Alice no país das maravilhas*, adaptação de Ruy Castro (1992), *Histórias de índio*, de Daniel Mundurucu (1996), *Chico Cambeva no fundo do martelo* (2009) e *Gumercindo e a galinha garoupa* (2011), ambos escritos por seu filho Joaquim de Almeida.

LENY WERNECK

Escritora, tradutora e jornalista, nasceu em 1933, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se em 1952 na Escola Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Graduiu-se em Comunicação Social – Jornalismo/ Editoração pelas Faculdades Integradas Estácio de Sá, em 1975, e diplomou-se em Ciências da Informação (DEA) no Institut Français de Presse et Sciences de l'Information-Paris II, entre 1990 e 1995. Foi professora do Ensino Primário e Médio, e do Curso de Formação de Professores de Ensino Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Coordenou cursos do INEP/CBPE/MEC. Cofundadora, consultora e colaboradora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), vice-presidente do International Board on Books for Young People (IBBY), consultora para a Unesco, foi a responsável pelo primeiro estande do Brasil na Feira Internacional de Bolonha. Colaborou com o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, no período de 1973 a 1980. Em 1995 recebeu da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Diploma de melhor tradução de documentário para jovens, pelos cinco primeiros volumes da Coleção As Origens do Saber. Morou na Dinamarca (1980-1981) e na França (1981-2004), dividindo-se atualmente entre o Rio e Paris. É autora de cerca de vinte livros voltados para o público infantojuvenil, publicados no Brasil e na França, entre eles *História de uma cidade contada por ela mesma* (1965), *Bandolim* (1979), *Como é que é, jacaré?* (1984), *Bonjour, vovó!* (1992).

LUCIANA SANDRONI

Escritora e roteirista, nasceu no Rio de Janeiro em 1962. Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), trabalhou em bibliotecas escolares durante dez anos. Recebeu vários prêmios literários, como o Jabuti, pelo livro *Minhas memórias de Lobato*, em 1998, O Melhor para Crianças, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

(FNLIJ), com o livro *Ludi na Revolta da Vacina* (1999), e selos de Altamente Recomendável para criança concedidos pela FNLIJ. Publicou, além dos outros títulos da série Ludi – *Ludi vai à praia* (1989), *Ludi na TV* (1994), *Ludi e os fantasmas da Biblioteca Nacional* (2011) –, os livros *Memórias da ilha* (1991) e *Manuela e Floriana* (1997).

LUIS FERNANDO VERISSIMO

Nascido em 1936, em Porto Alegre, viveu parte de sua infância e adolescência com a família nos Estados Unidos em função de compromissos assumidos por seu pai, o escritor Erico Verissimo. Conhecido por suas crônicas e textos de humor, publicados diariamente na imprensa brasileira, Verissimo é também cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro, romancista e músico. Mantém colunas em vários jornais e revistas, como no *Zero Hora*, de Porto Alegre, onde desde o seu início assinou colunas sobre futebol, na *Folha da Manhã* (1970-1975), em *O Estado de São Paulo* (de 1989 até hoje), na revista *Veja* (1982-1989), no *Jornal do Brasil* (a partir de 1976). Cobriu as Copas do Mundo de 1990, 1994, 1998, 2002. Participou da Festa Literária Internacional de Paraty, em 2004 e 2012. Homenageado com a Medalha Cidade de Porto Alegre (1991), a Medalha de Resistência Chico Mendes (1996), a Medalha do Mérito Pedro Ernesto, da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (1996), e o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, como Intelectual do Ano (1997). Autor de mais de 60 títulos, incluindo livros de contos, crônicas, relatos de viagem e romances, entre eles, *O popular* (1973), seu primeiro livro, reunindo textos publicados na imprensa. Publicou, ainda, *As cobras* (1976), reunindo tiras desses personagens, *Ed Mort e outras histórias* (1979), *Sexo na cabeça* (1980), *O Analista de Bagé* (1981), *A velhinha de Taubaté* (1983), *Traçando Paris* (1991), *Comédias da vida privada* (1994), *Gula: O clube dos anjos* (1998), *As mentiras que os homens contam* (2000), *Banquete com os deuses* (2003), *Os Espiões* (2009), entre outros.

MARIANA MASSARANI

A ilustradora e escritora nasceu no Rio de Janeiro, em 1963. Ilustrou dezenas de livros para diversos autores, assim como os seus próprios: *Victor e o Jacaré* (1993); *Marieta Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Sousa* (2002); *Leo, o todo poderoso capitão astronauta de Leox, a cidade espacial* (2002); *Banho!* (2006); *Adamastor, o Pangaré* (2007); *Aula de surfe* (2007); *Salão Jaqueline* (2009); *Quando Pedro tinha nove anos* (2009); *Os Mergulhadores* (2010). Tem uma empresa chamada “Capa Dura em Cingapura”, com Graça Lima e Roger Mello. Recebeu, em 1997 e em 2003, o Prêmio Jabuti de Literatura na categoria ilustração de livros infantis e juvenis.

NELSON CRUZ

O ilustrador e artista plástico, mineiro de Belo Horizonte, ilustrou o primeiro livro infantil em 1988. Recebeu em 1997, pela série *Sonhar para Acordar*, composta por três livros de imagem – *Leonardo, Mateus e Noel* – o prêmio de melhor livro de imagem pela FNLIJ, seção brasileira do IBBY (International Board on Books for Young People), assim como o Octogonal, oferecido pelo Centre International d'Études en Littérature de Jeunesse, em Paris. Na Feira de Ilustradores de Bolonha (Itália), em 2003, o livro *Conto de escola*, por ele ilustrado, foi exposto no estande da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que recebeu o selo de Altamente Recomendável na categoria Criança e o prêmio de Melhor Ilustração *hors-concours*. Ganhou o prêmio Jabuti, em 2010, na categoria Melhor texto Infantil ou Juvenil, com o livro *Os herdeiros do lobo*. Autor de vários livros, como *O caso do Saci* e *No longe dos Gerais* (ambos de 2004), *Dirceu e Marília*, *Chica e João*, *Bárbara e Alvarenga*, já ilustrou mais de oitenta obras.

OLÍVIA DE MELLO FRANCO

Nascida em Brasília em 1969, formou-se em Pedagogia na Universidade de Brasília (UnB), e trabalhou como diretora de escola. Na década de 1990, fez especialização na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), e mestrado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Escreveu o livro *Fios da linguagem: para alfabetização e letramento*, recomendado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do MEC. Trabalhou para editoras. Atualmente mora em Maceió, onde se dedica à escrita de livros para crianças e jovens.

ROGER MELLO

Nascido em Brasília em 1965, o escritor e ilustrador de livros infantis formou-se em Desenho Industrial e Programação Visual pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). No início de sua carreira, trabalhou ao lado de Ziraldo, e se dedicou ao desenho animado, realizando vinhetas para a televisão. Além de escrever e ilustrar os próprios livros, como *Meninos do mangue* (2001), *Vizinho, vizinha* (2002), *João por um fio* (2006) e *Carvoeirinhos* (2009), suas ilustrações são bastante requisitadas por diversos autores. Escreveu também para o teatro os textos *Uma história de boto-vermelho* (1992), *O país dos mastodontes*, *Curupira* e *Festa no céu*. Sua obra foi premiada nacional e internacionalmente, recebendo, em 2002, o prêmio da suíça Fondation Espace Enfants (FEE) e o prêmio Jabuti nas categorias literatura infantojuvenil e ilustração com *Meninos do mangue*. Em 2003 novamente recebe o Jabuti com o livro *Vizinho, vizinha*. Por ter vários trabalhos premiados, tornou-se *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Por sua obra como ilustrador, foi indicado para a edição de 2010 do prêmio Hans Christian Andersen.

RUI DE OLIVEIRA

Nascido no Rio de Janeiro, estudou pintura no Museu de Arte Moderna, Artes Gráficas na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ilustração no Instituto Superior Húngaro de Artes Industriais (atualmente Moholy-Nagy University of Art and Design), em Budapeste. Fez o doutorado em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Trabalhou como Diretor de Arte na televisão – TV Globo e TV Educativa –, onde desenhou aberturas e vinhetas, como a da primeira versão da série Sítio do Picapau Amarelo. Trabalha, ainda, como professor na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ilustrou mais de 100 livros, projetou cerca de 400 capas para as principais editoras brasileiras, e realizou seis desenhos animados. Recebeu alguns prêmios como animador e ilustrador, entre eles quatro Prêmios Jabuti de Ilustração, e o Prêmio Cecília Meireles, da FNLIJ, pelo livro *Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*, em 2009.

RUTH ROCHA

Nascida na cidade de São Paulo em 1931, formou-se em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo, e fez pós-graduação em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalhou como orientadora educacional de 1956 a 1972. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista *Claudia*, em 1967, e histórias infantis para a revista *Recreio*, da Editora Abril, em 1969, entre elas “Romeu e Julieta”, “Meu Amigo Ventinho”, “O Dono da Bola”, “Teresinha e Gabriela”. Mais tarde veio a ser editora, redatora e diretora da Divisão de Infantojuvenis. Autora de mais de 130 obras, entre livros de ficção, didáticos, paradidáticos e um dicionário, teve ser seu primeiro livro, *Palavras muitas palavras*, publicado em 1976. Outras publicações da autora são *Declaração Universal dos Direitos Humanos para crianças; Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa; Marcelo, marmelo, martelo; Almanaque Ruth Rocha*. Recebeu importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da Câmara Brasileira do Livro, cinco Prêmios Jabuti, da Associação Paulista de Críticos de Arte e, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio João de Barro. Foi condecorada em 1998 com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

THEREZA ALMEIDA

Nascida na cidade de São Paulo em 1979, formou-se em Jornalismo. Designer gráfica, trabalha principalmente na área editorial. Possui, desde 2008, em conjunto com sua mãe, a ilustradora Laurabeatriz, o estúdio de criação Gatoazul. O estúdio realiza trabalhos para livros, revistas, projetos editoriais, exposições, cenários, sites, logotipos, ilustrações, cartazes, animações.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES



- capa Colégio Nossa Senhora das Dores (Diamantina/MG). Foto de Erich Hess, 1939. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 5 Vista da cidade de Pirenópolis/GO. s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1181-T-85.
- p. 7 Tambor de crioula do Maranhão. São Luís/MA. Foto de Edgard Rocha. In: RAMASSOTE, Rodrigo Martins (Coord.). *Os tambores da ilha*. São Luís: IPHAN, 2006.
- p. 8 Festa tradicional Cavalhadas (Pirenópolis/GO). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1181-T-85; Profeta Oséias. Foto de Erich Hess, 1939. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Entorno da Ponte de Pedra [do Imperador], no local conhecido como Buraco do Diabo (Ivoti/RS). s/a, 1985. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo no 1165-T-85/Ponte do Imperador; Aspecto de rua (Serro/MG). Foto de Erich Hess, 1939. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 10 Desfile do GRESEP Mangueira. Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro – partido-alto samba de terreiro samba-enredo. IPHAN/Minc.
- p. 11 Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro – partido-alto samba de terreiro samba-enredo. IPHAN/Minc.
- p. 13 Roda de capoeira (Salvador/BA). Foto de Carlos Café. IPHAN/ DPI..
- p. 14 Roda de capoeira (Salvador/BA). Foto de Heitor Reali. IPHAN/ DPI.
- p. 16 Estádio Mário Filho; Estádio Maracanã em dia de jogo. Rio de Janeiro/RJ. Foto de Oscar Liberal.
- p. 17 Estádio Mário Filho; Estádio Maracanã. Rio de Janeiro/RJ. Arquivancada com novos assentos. s/a, 2000. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1094-T-83.
- p. 18 Tambor de crioula do Maranhão. São Luís/MA. Foto de Edgard Rocha. In: RAMASSOTE, Rodrigo Martins (Coord.). *Os tambores da ilha*. São Luís: IPHAN, 2006.
- p. 20 Tambor de crioula do Maranhão. São Luís/MA. In: RAMASSOTE, Rodrigo Martins (Coord.). *Os tambores da ilha*. São Luís: IPHAN, 2006.
- p. 22 Cavaleiros andando pela cidade. Festa tradicional (Cavalhadas) (Pirenópolis/GO). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de tombamento. Processo nº 1181-T-85;

- p. 23 Cavalhadas em Pirenópolis (GO). Foto de Edgard Jacintho Silva, 1953. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Negativos Históricos.
- p. 25 Entorno da Ponte de Pedra [do Imperador], no local conhecido como Buraco do Diabo (Ivoti/RS). s/a, 1985. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1165-T-85/Ponte do Imperador.
- p. 26 Entorno da Ponte de Pedra [do Imperador], no local conhecido como Buraco do Diabo (Ivoti/RS). s/a, 1985. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Processo de Tombamento. Processo nº 1165-T-85/Ponte do Imperador.
- p. 28 Índia em Paraty/RJ. Foto de Lucas Landau; Meninos em Cachoeira/BA. s/a, s/d. Projeto Rotas da Alforria. Copedoc/ IPHAN; Diamantina/MG. Detalhe com menina. Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 30 Escravos. Foto de Christiano Junior, [18--]. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Christiano Junior; Fachada lateral do Museu Parque do Mate com senhor na janela. Campo Largo/PR. s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Índia Pancararu. Pernambuco. s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia.
- p. 31 Manuscrito de Cora Coralina. Museu Cora Coralina.
- p. 32 Profeta Ezequiel. Santuário Bom Jesus do Matosinho (Congonhas do Campo/MG). Foto de Erich Hess, 1939. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 34 Profeta Habacuc, Profeta Oseias e Profeta Joel (Congonhas do Campo/MG) Fotos de Erich Hess, 1939. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Profeta Baruc. s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Negativos Históricos.
- p. 35 Igreja Bom Jesus do Matosinho (Congonhas do Campo/MG). Foto de J. R. Moss, 1958. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Negativos Históricos; Passos (Congonhas do Campo/MG). Foto de J. R. Moss, 1958. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Negativos Históricos.
- p. 37 Retrato de Jean-Baptiste Debret. Óleo de Manoel de Araújo Porto Alegre. Reprodução. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário/ Museu Nacional de Belas Artes; Retrato de Raymundo Castro Maya. s/a, s/d. Disponível em: <http://www.museuscastromaya.com.br/historia.htm>; Museu do Açude (Rio de Janeiro/RJ). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 38 Museu da Chácara do Céu (Rio de Janeiro/RJ). Foto de Bettina Grieco, 1999; Museu Chácara do Céu. (Rio de Janeiro/RJ). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 40 Casa. Foto de Christiano Junior, [18--]. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Christiano Junior.
- p. 42 Casa da Fazenda São Roque. Vassouras/RJ. Foto de Erich Hess, 1941. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.
- p. 43 Interior da Fazenda da Hera (Vassouras/RJ). Foto de Erich Hess, 1941. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Fazenda Baronesa (Campos/RJ). Foto de Erich Hess, 1941. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Casa da Fazenda Monsuabinha (Angra dos Reis/RJ). s/a, s/d. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário; Fazenda da Hera (Vassouras/RJ). Foto de Erich Hess, 1941. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



SAMBA

Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro – partido-alto, samba de terreiro, sambanredo; Dossiê Jongo no Sudeste; Dossiê Samba de Roda do Recôncavo Baiano; Parecer Técnico 004/07/DPI/IPHAN.

Todos os documentos disponíveis em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em 19/09/2012.

CAPOEIRA

Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em 20/09/2012.

Parecer 031/08/DPI/IPHAN. Disponível em:

<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em 20/09/2012.

FUTEBOL E PATRIMÔNIO

“Futebol e Patrimônio”

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FOLGUEDOS E BRINCANTES

LONDRES, Cecília [et al.]. *Celebrações e saberes da cultura popular*: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas. Rio de Janeiro: Funarte/Ipahan/CNFCP, 2004.

PIRENÓPOLIS

Dossiê IPHAN – Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – GO. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em 26/09/2012.

Parecer n. 002/10/CCGIR/DPI/IPHAN. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em 26/09/2012.

TRADIÇÕES E CULTURA

HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

CRIAÇÃO LINGUÍSTICA

Declaração universal dos direitos linguísticos. Disponível em: http://penclube.no.sapo.pt/pen_internacional/dudl.htm. Acesso em 09/04/2012.

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

"Proposta de metodologia geral para o inventário nacional da diversidade linguística". Disponível em: www.cultura.gov.br/.../anexo_4_-_edita1_pmpi_2008_-_metodologia. Acesso em 15/05/2012.

OS PROFETAS DE CONGONHAS

Processo de Tombamento nº 0075-T-38. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro.

DEBRET E CASTRO MAYA

LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.

QUILOMBOS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Remanescentes das comunidades dos quilombos: memórias do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH São Paulo, jul. 2011.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Quilombos: comunidades e patrimônio*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=518>. Acesso em 04/04/2012.

PATRIMÔNIO RURAL

MARQUESE, Rafael de Bivar. Diáspora africana, escravidão e a paisagem da cafeicultura no Vale do Paraíba oitocentista. In: Almanack Braziliense nº 07, 2008. Disponível em: <http://www.almanack.usp.br/PDFS/7/almanack.pdf>. Acesso em 20/10/2011.

ALCANTARA, Dora. As fazendas do Vale do Paraíba. O começo de uma caminhada. Disponível em: http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/26_dora-alcantara.pdf. Acesso em 01/09/2012.